

O analfabetismo avança

Pauini é um lugar perdido na selva, distante 15 dias de barco, Rio Purus acima, partindo de Manaus. Para chegar lá, pela água, é preciso percorrer 42 mil quilômetros de rios sinuosos. De avião tem de se avançar até Rio Branco, descer em Boca do Acre e fretar um táxi aéreo, gastando um mínimo de oito horas.

Essa vila amazônica, com seus 16 mil habitantes, acabou de ganhar um lugar de destaque no livro dos recordes da Unesco, a agência da Organização das Nações Unidas especializada em educação: é a líder nacional em analfabetismo entre jovens na faixa de 11 a 14 anos.

Em cada dez nativos, um pode ser considerado alfabetizado, de acordo com a avaliação da Unesco, com base em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A prefeitura, comandada pelo PFL, decidiu fazer um censo particular para "mostrar que só metade é analfabeta", informa Antônio de Campos Salvador, secretário municipal de Educação.

Situação semelhante pode ser encontrada em Novo Airão, às margens do Rio Negro, na região das 500 ilhas de Anavilhanas, paraíso ecológico e



Em Presidente Sarney, uma professora do primeiro ciclo ganha por mês R\$ 9,70

um dos maiores arquipélagos do planeta, só descoberto na década dos 70.

O presidente Fernando Henrique Cardoso sobrevoou a área no último fim de semana, durante seu passeio ecoturístico pela Amazônia. Não viu, mas lá em baixo sobrevivem 13 mil ilhéus. Entre eles, há 3 mil estudantes. E aí, de cada dez jovens na faixa de 15 a 17 anos, oito não sabem ler nem escrever, de acordo com a Unesco/IBGE.

Líderes políticos locais não negam os níveis recordes de analfabetismo. Mas cuidam de se eximir de qualquer responsabilidade. É o caso do deputado estadual Wilton Santos (PPR), cuja família manda no município. Ali, nos últimos dez anos, houve um rodízio no poder. Assim: Carmelita, tia de Wilson, era prefeita. Saiu e entregou o cargo ao sobrinho. Agora, ele virou deputado e ela é vice-prefeita.

Na semana passada, em Manaus, durante a visita presidencial, Santos preocupou-se em ir à tribuna da Assembléia Legislativa para defender sua família de qualquer crítica pela analfabetização massiva naquele arraial político.

Encontrou uma saída original. E

nem sequer titubeou ao lançar a culpa na legislação ambiental. "O Estado e o município ficam impedidos de construir escolas nos parques e reservas", justificou. Poderia, também, ter atribuído a culpa ao sol, à chuva, ao ar puro ou às águas do Rio Negro.

A cerca de 3 mil quilômetros dali, na direção leste, acaba de nascer um novo município. Chama-se Presidente Sarney, em homenagem ao ex-presidente da República, atual senador pelo PMDB do Amapá e presidente do Senado Federal. É uma vila que, juntamente com outras 78 do Maranhão, foi promovida à condição de municipalidade, autônoma em orçamento, vida eleitoral, etc.

Em Presidente Sarney, uma professora do primeiro ciclo ganha R\$ 9,70 mensais. A situação educacional é tão apavorante como a das vilas interioranas da Amazônia.

Mais abaixo, no Recife, o quadro não chega a ser demasiado diferente. Preocupados com a virtual falência da ação do Estado na educação, comunidades inteiras estão tentando atenuar o problema pelas próprias mãos: no alto do Morro do Capibaribe, os moradores construíram um barraco de alvenaria e instalaram a Escola Dinâmica, onde seus filhos comem e estudam todos os dias.

Isso está acontecendo num País onde quase dois terços das verbas educacionais estão dirigidos para as universidades. E de cada R\$ 1,00 investido na educação fundamental,

somente R\$ 0,2 chegam de fato até o aluno — o resto é gasto na burocracia do sistema, segundo avaliações oficiais.

Os governantes, a exemplo do deputado amazonense, se sucedem com desculpas esdrúxulas. Talvez porque não tenham coragem de assumir a postura do falecido líder político pernambucano Agamenon Magalhães, que considerava "irremediavelmente perdidos" países que dessem direito de voto — ou seja, direito aos frutos da cidadania, como a educação — a pessoas como sapateiros e operários.

Agamenon era conhecido como *China Gordo* pelas características físicas. O poeta Manuel Bandeira retrucou-lhe com alguns versos que se tornaram célebres: "*Deixa a tenda, sapateiro. Deserta o balcão, caixeiro. Vem lutar contra o balordo China Gordo.*"

Esta temporada de reforma constitucional abre uma oportunidade ímpar para mudanças na estrutura educacional do País. São essenciais e urgentes, porque cidadãos só podem ser produzidos nos bancos escolares.

De Pauini a Presidente Sarney, do Oiapoque ao Chuí, o que existe hoje, na vida real, é a produção em série de eleitores — para o doce deleite dos *Chinas Gordos* que se revezam no comando deste imenso arraial político chamado Brasil.